

## ESPIRITUALIDADE E FAMÍLIA

Ada Nícia Nogueira Diógenes Santos\*

**Resumo:** *O conteúdo desenvolvido é produto de uma pesquisa teórica e tem por objetivo explicitar a relação entre espiritualidade, família e terapia familiar. Para tanto, contextualiza a discussão do tema, analisa os conceitos de espiritualidade e família. Conclui enfatizando a importância da espiritualidade para a família e a terapia familiar.*

**Palavras-chave:** Espiritualidade; Família; Terapia familiar; Amorosidade; Solidariedade; Coexistência; Religião.

Desejamos explicitar que entendemos o tema proposto no contexto que vivenciamos, onde o verdadeiro sentido da contradição dialética, que conduz à unidade dos contrários, está presente quando concomitante com a lógica materialista, exacerbada pelo capitalismo, convivemos, principalmente no hemisfério sul, com a espiritualidade como um tema recorrente na atualidade, saindo dos limites da religião e sendo assumido por cientistas, intelectuais, artistas e até empresários. Sempre no sentido de busca de respostas que possam dar conta da complexidade dos fenômenos, de inspiração para entender e explicar a rede de relações em que os sistemas são constituídos e se modificam. Enfim, na busca da transcendência.

Entendemos a discussão da espiritualidade em um evento científico, fica fácil se tivermos clareza das teorias que dão sustentação à temática maior: família e terapia familiar. Pautados na teoria sistêmica e em autores como Leonardo Boff, Edgar Morin e Fritjof Capra, é que explicamos a pertinência do tema em debate. Para estes autores, os fenômenos são complexos porque tecidos em teia, e por isso não podem ser entendidos e explicados de modo linear; são tecidos juntos, em um sistema que se encadeia numa infinidade de subsistemas entrelaçados e indivisíveis, não comportando a exclusão da espiritualidade na explicação dos fenômenos. Afinal, Morin (1998), ao explicar o conceito de complexidade, vai nos colocar o ser humano como maior exemplo, posto que este é ao mesmo tempo de natureza física, biológica, cultural, social, psíquica etc. Remete, portanto, para a concepção do ser humano como um ser integral: matéria, mente e espírito.

Assim entendendo, vamos desenvolver nosso texto escrevendo primeiro sobre espiritualidade, sobre família, para no final apresentar nossas conclusões.

### ESPIRITUALIDADE

Para ser portador de espiritualidade, o ser humano não precisa de inteligência privilegiada e nem de possuir vultosos bens materiais. Qualquer pessoa que vive em retidão, é solidária e cultiva o espaço sagrado do espírito no pensar, sentir e agir; é, com certeza, possuidora de espiritualidade. São esses valores não-materiais que vão definir a espiritualidade e que, em momento de crise como o que vivemos agora, vão se constituir em busca e condição de redefinição do ser humano. Por isso, podemos afirmar que a espiritualidade é uma experiência vivida em todas as dimensões do ser, porque remete ao conceito de espírito, entendido aqui como algo que transcende a matéria e representa a essência do ser humano.

---

\* Professora titular da Universidade Católica do Salvador. Mestra em Educação. Especialista em Terapia Familiar.

Conforme o Dalai-Lama (*apud* Boff, 2001, p.16), “Espiritualidade é aquilo que produz no ser humano uma mudança interior.” É um conceito dinâmico pois tem em sua base a idéia de mudança. E não podia ser diferente já que o ser humano é um ser mutante. Mas a mudança que a espiritualidade produz é de profundidade, aquela que provoca transformação interior e é exteriorizada através de palavras e atitudes.

São vários os caminhos para a espiritualidade, mas todos passam pelo auto-conhecimento e pela busca da transcendência. O mais comum é a religião, fato que leva, muitas vezes, as pessoas a confundirem as duas. Elas convivem e se relacionam, mas uma não pode ser dependente da outra.

Religião está ligada à fé, à crença no sobrenatural e à possibilidade de salvação, normalmente condicionadas a dogmas religiosos, rituais e orações que, embora possam levar à mudança interior, nem sempre acontece. Constitui uma das mais significativas obras da humanidade, mas não é sinônimo de espiritualidade.

Espiritualidade relaciona-se a

Qualidades do espírito humano – tais como amor e compaixão, paciência e tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia – trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros. [...] Não existe portanto nenhuma razão pela qual um indivíduo não possa desenvolvê-las, até mesmo em alto grau, sem recorrer a qualquer sistema religioso ou metafísico. (BOFF, 2001, p.21)

A religião leva à espiritualidade quando não fica apenas na pregação e possibilita uma prática que transforma o ser humano, dando-lhe uma visão ética do mundo, com atitudes de amorosidade e compaixão para com os que sofrem, desenvolvendo um sentimento de responsabilidade para com seus semelhantes, e aberto para acolher as mensagens que o cosmo passa a todo momento. O contrário disso é quando conduz ao fundamentalismo.

A prática espiritual, que é o exercício da espiritualidade, é ética e possibilita um movimento permanente de transformação interior em conexão com o exterior. Para esta, a filosofia e a arte também podem contribuir bastante. Mas, como a religião, podem levar a um outro caminho, bem diverso da espiritualidade.

Para Boff (2001), os pais fundadores dos caminhos espirituais (Buda, Jesus Cristo, Paulo de Tasso, Ghandi etc) são pessoas carismáticas e que mergulharam de modo profundo nos mistérios do Ser e tiveram, em decorrência disso, suas vidas transformadas a partir de uma profunda mudança interior.

A essência da espiritualidade está na transformação interior que não se fecha em si. “A partir do interior, ela desencadeia uma rede de transformações na comunidade, na sociedade, nas relações com a natureza e com o universo inteiro” (BOFF, 2001, p.36).

A humanidade, ao longo de sua história, conforme Boff (2001), percorre dois caminhos de espiritualidade, relacionados com a religiosidade: o ocidental, que afirma o caminho pessoal com Deus que inclui o todo (“uma alma que se ilumina, ilumina o mundo” – Santa Tereza d’Ávila), e o oriental, que afirma ser o caminho do todo (uma experiência de totalidade) que inclui Deus. É uma experiência mística e ecológica. Não existe um caminho melhor que o outro, pois a relação com Deus é pessoal. É um encontro entre desiguais que gera uma aliança (*re-ligare*), na qual o diálogo é fundamental. Para o Dalai-Lama (*apud* Boff, 2001), a melhor religião é a que te faz melhor, mais sensível, amoroso, humanitário e responsável. Assim, a experiência da espiritualidade é de libertação.

Espiritualidade remete à experiência, mais especificamente, à vivência do espiritual. “Desenvolver a espiritualidade é desenvolver a nossa capacidade de contemplação, de escuta das mensagens e dos valores que impregnam o mundo à nossa volta” (BOFF, 2001, p.72). Como toda experiência, ela tem uma dimensão pessoal, não podendo, portanto, seguir caminhos

preestabelecidos; revela-se na capacidade do ser humano de dialogar consigo mesmo e com o outro e traduz-se em uma vida amorosa, pautada pela compaixão, sensibilidade de escuta do outro e responsabilidade.

Seguindo esta estrutura de pensamento que coloca a visão de espiritualidade dentro de um contexto maior, compatível com a teoria sistêmica, trataremos a seguir, baseada nesta teoria, da concepção de família.

## FAMÍLIA

Consideramos a atenção à família, tanto através de estudos quanto de ações, importante por diferentes razões que poderíamos de modo resumido expressar, afirmando a nossa crença de que a família, por ser uma estrutura na qual um conjunto de exigências funcionais se organizam, conforme os membros interagem, vai se constituir no primeiro e mais freqüente espaço em que as pessoas se deparam com a possibilidade diária de aprendizagem da difícil tarefa de conviver e partilhar experiências, podendo, no exercício da mesma, atingir a coexistência.

O foco dado aqui à família não fica restrito a ela mesma. Primeiro, por ser um fenômeno multidimensional e complexo; segundo, porque nos pautamos por um referencial sistêmico, a nosso ver, o que melhor possibilita tratar as questões aqui postas. Assim, não vamos nos restringir aos limites do espaço privado, pois reconhecemos que a convivência familiar passa por questões étnico-culturais, psicossociais, econômicas etc. Na forma como vem se modificando e estruturando a família nos últimos tempos, é impossível falar de um modelo único. “[...] Ela se manifesta como um conjunto de trajetórias individuais que se expressam em arranjos diversificados e em espaços e organizações domiciliares peculiares” (FERRARI; KALOUSTIAN, 1998, p.14).

Assim, podemos afirmar que a família se constitui em espaço de interação de indivíduos com demandas individuais e trajetórias de vida inter-relacionadas, onde alguns membros saem, novos membros se agregam, mas por ser um sistema aberto, nunca deixa de ser família, mudando apenas a estrutura e os arranjos.

Minuchin (1982) afirma que o sistema familiar possui três propriedades. A primeira diz respeito ao fato de que uma transformação que se processe, produzirá, pelo menos, uma possibilidade de mudança. A segunda propriedade afirma que o sistema familiar está organizado em torno do apoio, regulamentação, proteção e socialização de seus membros. A terceira e última afirma que o sistema familiar tem a propriedade de se autopertpetuar.

Seguindo a lógica dos axiomas supracitados, podemos afirmar que a família atende a dois objetivos inter-relacionados. Um interno, de preservação e proteção física e psicossocial de seus membros, outro externo, de aculturação dos filhos (é a chamada socialização primária, passada pela família e que vai se constituir na raiz e referencial cultural do ser). Ambos são muito fortes e se constituem na base de sustentação do indivíduo, ao longo de sua vida. Podemos ainda dizer, com base nestas afirmações, que é a família quem dá a seus membros o cunho de identidade, tanto no sentido do pertencimento, quanto de separação. Dependendo de como estes são administrados na família, vai se constituir a matriz de identidade de cada um dos membros.

Se no seu objetivo interno a família vai se constituir em matriz de desenvolvimento psíquico, no objetivo externo vai fazer a ligação com a sociedade, assegurando a socialização de seus membros e, conseqüentemente, a continuidade da cultura. Mas, ao assim fazer, vai passar por transformações, decorrentes das mudanças socioculturais havidas na sociedade. Por isso, afirmamos, que a família existiu e existirá, porém, mudando sempre em suas funções e estrutura, na medida em que muda a sociedade, pois existe uma interdependência entre ambas. A família, por ser um sistema aberto dinâmico e em transformação, vai estar sempre mudando na proporção em que muda a sociedade. Como exemplo, podemos citar o processo de socialização que cada

vez mais cedo sai da família e passa para a escola, para os meios de comunicação de massa, para a babá etc.

De qualquer forma, podemos afirmar que a família constitui o espaço que oferece garantia de desenvolvimento aos seus membros, principalmente os filhos, independente da forma como se estrutura.

É a família que propicia os aportes afetivos e sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais. A família, enquanto forma específica de agregação, tem dinâmica própria, afetada pelo processo de desenvolvimento sócio-econômico e pelo impacto da ação do estado através de suas políticas econômicas e sociais. (FERRARI; KALUSTIAN, 1998, p.12)

Mesmo sofrendo os efeitos do sistema econômico, social, cultural e político no qual se insere, a família pode ser entendida como uma unidade de referência para o sujeito. Por isso é importante, na análise da mesma, incluir a dimensão psicológica, com ênfase na teoria do vínculo, dando visibilidade ao sistema de laços afetivos que qualificam uma vivência em comum que, com a maturidade do ser, leva a experiência da amorosidade no grupo familiar.

Pensar a família hoje, é entendê-la em um ambiente de transição e como um sistema que a identificação e relação entre os seus membros, de modo integrado e em permanente interação com o meio. É um conceito que remete à idéia de um grupo psicossocial concreto, relacionado à cultura de uma determinada sociedade. Implica toda uma rede de parentescos e vínculos. Deste contexto não podemos excluir as crises, mas devemos entendê-las como oportunidade de mudança e crescimento, característica de todo sistema aberto.

A família brasileira é um exemplo claro de sistema aberto. Constituída de imigrantes europeus, das mais diversas culturas e localidades, se associa aos imigrantes africanos/escravos e aos índios, habitantes nativos, e vai constituir-se com características próprias oriundas dos valores, hábitos e costumes das três etnias constitutivas do povo brasileiro.

Como toda história do ser humano se inscreve através de suas instituições, a família vem a ser aquela que mais tem sofrido alterações, mas que também mais dinâmica e capacidade de adaptação tem revelado. Esta percepção sistêmica de família pontua novos valores para a relação entre os seus membros, pautados no desenvolvimento da afetividade e no fortalecimento de vínculos, permitindo assim o princípio da auto-organização, autonomia e auto-transcendência, características de todo sistema vivo.

É dentro desta visão sistêmica que vai surgir a terapia familiar, como uma proposta de trabalho terapêutico voltado para famílias em crise.

## CONCLUSÕES

A experiência da espiritualidade na família cria a condição para que o sistema familiar pratique o diálogo, pois abre a possibilidade de escuta, compreensão e aceitação respeitosa do outro como ele é. Seus membros vão ser capacitados para se alegrar e se enternecer com as realizações um do outro, assim como também ter compaixão e continência para com as dores. Quebra a relação de autoritarismo, dominação e posse, permitindo uma relação de comunhão e coexistência.

A experiência espiritual (espiritualidade) na família não combina com o autoritarismo, gerador de conflitos, intolerância e rebeldia, e que não permite a expressão da amorosidade e da

afetividade. Pelo contrário, em famílias que vivenciam a espiritualidade, a afetividade e a solidariedade são estimuladas, possibilitando o entendimento e o crescimento interior de cada um de seus membros, respeitando suas idiossincrasias.

O desenvolvimento da espiritualidade torna-se condição para caracterização da família como um sistema aberto, quando desenvolve, em cada membro da família, a capacidade de escuta das mensagens e valores que impregnam o mundo interno e externo da mesma. Principalmente nos momentos de crise e de sofrimento, onde a família que tem espiritualidade, ao invés de cair na revolta, vai buscar o significado da experiência intensa que está vivendo.

O terapeuta de família também precisa viver a experiência espiritual (espiritualidade) para desenvolver a capacidade de escuta das mensagens e valores que impregnam o mundo de cada família, ter compaixão, continência e amorosidade no atendimento às famílias, e cada família deve viver no seu seio a espiritualidade para poder coexistir a partir desta experiência espiritual que permite diálogo, respeito e amorosidade às diferenças individuais.

Muitas das doenças, principalmente psíquica, têm uma dimensão espiritual (questões não resolvidas e recalçadas). A espiritualidade vivida na família e na terapia familiar vai permitir trabalhar as doenças de um modo mais completo por atingir as suas causas mais profundas.

Trabalhar o tema espiritualidade e família num congresso de terapia familiar, não só é pertinente, como também coerente com o pensamento sistêmico e o pensamento científico atual. Reflete uma transformação, característica de quem vivencia a espiritualidade.

## REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. 2.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

CARVALHO, Antonio César Perri de. Introdução- a família em um mundo em transformação. In: CARVALHO, Antonio César Perri de (Org.). *A família, o espírito e o tempo*. São Paulo: USE, 1994.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1982.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.

FERRARI, Mário; KALOUSTIAN, Sílvio Manoug. Introdução. In: KALOUSTIAN, Sílvio Manoug (Org.). *Família brasileira: a base de tudo*. 3.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF, 1998.

MINUCHIN, Salvador. *Famílias: funcionamento & tratamento*. Tradução de Jurema Alcides Cunha. Porto Alegre: Artes médicas, 1982.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1998.

MUTTON, Márcia Justino Rossini. Família, religião e sociedade. In: CARVALHO, Antonio César Perri de (Org.). *A família, o espírito e o tempo*. São Paulo: USE, 1994.

NEUBURGER, Robert. *O mito familiar*. São Paulo: Sumus, 1999.